

OFICINAS SOBRE SEXUALIDADE NAS ESCOLAS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Carolina de Fátima Guimarães¹; Luciana Aparecida Siqueira Silva²; Fernanda Bonfim de Oliveira³

*Instituto Federal Goiano – Campus Urutai¹²³; carolina.guimaraes@ifgoiano.edu.br¹;
luciana.silva@ifgoiano.edu.br²; fernanda.oliveira@ifgoiano.edu.br³*

Resumo: As escolas são importantes espaços de formação humana e dialogam, a todo momento, com questões de sexualidade. Os sujeitos que frequentam as escolas, principalmente os adolescentes também são atravessados por esse tema, pois a sexualidade humana sempre acompanha o desenvolvimento dos sujeitos, o que sugere a importância de discussões sobre sexualidade entre os adolescentes e no âmbito escolar. As oficinas são relevantes ferramentas utilizadas para serem desenvolvidas atividades com tal intuito. Assim, este estudo buscou compreender o modo como as oficinas sobre sexualidade têm sido aplicadas nas escolas. Buscou-se também investigar as características das publicações que relatam essas experiências. Para alcançar os objetivos propostos, realizou-se uma revisão bibliográfica integrativa. Fez-se uma busca nas bases de dados *Scielo* e Periódicos Capes, no período de 2013 a 2017. Foram selecionados 12 artigos que apresentavam informações sobre as oficinas de sexualidade nas escolas brasileiras. Os resultados mostraram que o maior número de publicações ocorreu em 2013 e em periódicos na área da saúde. Pode-se ainda perceber que os trabalhos tendem a abordar a sexualidade numa perspectiva de relação com saúde e os enfermeiros são os profissionais que mais desenvolveram atividades. O número de participantes variou de 10 a 38 e o tempo dos encontros foi de 50 a 120 minutos. A idade do público-alvo das oficinas variou de 11 a 18 anos, atingindo, portanto, os adolescentes. Por fim, as oficinas utilizaram em sua maioria a metodologia de técnicas de dinâmicas de grupo. Entende-se que as oficinas numa perspectiva de saúde são importantes, mas há a necessidade de espaços para discussões no âmbito psicossocial, sociocultural, dentre outros.

Palavras-chave: adolescência; sexualidade; oficina; escola

Introdução

A escola, na atualidade, configura-se como um espaço de formação intelectual e, sobretudo, humana. Assim, entende-se que o ambiente escolar deve desenvolver atividades que visam a preparação de criança e jovens para a vida em sociedade. De acordo com Mattos e Bertol (2015) a escola atua também na construção dos corpos dos sujeitos, intermediando e colaborando para a elaboração de conceitos, comportamentos e habilidades para os diferentes gêneros.

Historicamente, a escola tem papel fundamental na educação dos corpos, delimitando, a seus moldes, o que é ou não permitido (Àries, 2006). Nesse

sentido, a escola lida constantemente com questões ligadas a sexualidade, pois segundo Louro (2010), está sempre separando os alunos por faixa etária dentro das salas de aula e até mesmo no espaço escolar, com atividades em diferentes horários, vigiando as roupas e instaurando uniformes, dentre outras práticas.

Se a escola lida, a todo momento, de maneira indireta, com questões sobre sexualidade, logo ela se torna um espaço propício para que atividades direcionadas sejam aplicadas. Além disso, os sujeitos que frequentam as escolas, principalmente os alunos, são atravessados pelo tema da sexualidade, uma vez que a sexualidade humana acompanha o indivíduo em toda sua existência, sendo importante para a construção da identidade e dos traços de personalidade (SOARES, AMARAL, SILVA & SILVA, 2008).

Entretanto, é na adolescência que a sexualidade se apresenta de maneira mais evidente, pois é a fase do desenvolvimento em que ocorrem, normalmente, a maturação sexual e as mudanças hormonais. É na adolescência também que ocorrem mudanças comportamentais e os jovens são convidados a sair da relação dominada pelos familiares e ir em direção aos contextos sociais mais amplos, momento em que os grupos e as relações amorosas se tornam relevantes para os sujeitos (ABERASTURY & KNOBEL, 1981). Assim, verifica-se que a discussão sobre sexualidade se mostra importante no ambiente escolar e com estudantes que estão na adolescência ou prestes a entrar nessa faixa etária.

De acordo com Queiroz, Santos, Machado, Lopes & Costa (2010), para se trabalhar com adolescentes o uso de grupos é uma estratégia de atuação que apresenta bons resultados, sendo uma das mais recomendadas. Dentre as atividades grupais, encontra-se as oficinas, que são trabalhos estruturados com um conjunto de pessoas, com quantidade de encontros e número de participantes variáveis e que é focalizado numa questão central em que os sujeitos se propõem a elaborar, podendo suscitar novas formas de pensar, sentir e agir (AFONSO, 2007).

As oficinas se destacam na área da educação, pois trabalha com informação e reflexão e considera as vivências e os conceitos já desenvolvidos pelos participantes. Se diferem de ações exclusivamente pedagógicas por trabalharem também com as emoções. Há também o diferencial de proporcionar a aprendizagem compartilhada e o empoderamento dos sujeitos (AFONSO, 2007).

Diante destes apontamentos, este estudo teve como objetivo realizar uma revisão

bibliográfica integrativa com vistas a identificar o modo como as oficinas sobre sexualidade têm sido aplicadas nas escolas. Objetivou-se também investigar alguns aspectos sobre como as publicações que relatam essas ações foram desenvolvidas.

Metodologia

Com o intuito de atingir os objetivos propostos, utilizou-se no presente estudo o método de revisão bibliográfica integrativa. Trata-se de um método que permite a síntese do conhecimento apresentado em diferentes estudos disponibilizados em publicações e o entendimento geral a respeito de um determinado assunto (SOUZA, SILVA & CARVALHO, 2010).

Foi realizada uma pesquisa em junho de 2017 nas seguintes bases de dados: Periódicos Capes e *Scielo*. Para a busca foram usados os descritores “oficina”, “sexualidade”, “escola”, todos juntos. Como critério de inclusão, optou-se por trabalhos realizados nos últimos cinco anos, ou seja, de 2013 a 2017, publicados em língua portuguesa, que relatavam as experiências com as oficinas desenvolvidas no ambiente escolar brasileiro de modo a propiciar a coleta dos dados necessários para o presente estudo.

Foram encontrados 17 artigos e estes tiveram seus títulos e resumos lidos. Logo após, selecionaram-se 12 artigos para serem objetos de análise. Em seguida, elaborou-se uma planilha com as seguintes informações retiradas dos textos: subtemas das oficinas, quantidade de alunos, faixa etária, duração dos encontros, área de formação dos pesquisadores, estratégias e metodologias aplicadas.

Resultados e discussão

Com vistas a entender o panorama das publicações que se propuseram a relatar experiências com oficinas que abordavam temas relacionados a sexualidade em escolas brasileiras, logo abaixo é apresentado um quadro (figura 1) com informações sobre o título, o periódico e o ano destes artigos. Pode-se perceber que a maioria dos trabalhos foram publicados no ano de 2013, pois dentro do grupo de 12, 5 textos datam deste ano. Ainda, 3 publicações foram em 2014, 3 em 2015 e apenas 1 em 2017.

Sobre os periódicos, foi possível verificar que a maioria dos artigos foram publicados em revistas da área da saúde (n=4). Logo em seguida, estiveram

os periódicos na área da psicologia (n=3) e da educação (n=3). Tal resultado está em consonância com os achados de Souza e Pimenta (2013) que identificaram que dos trabalhos que buscaram relatar experiências com oficinas de educação em saúde, a maioria estão preocupadas com o tema sexualidade. Assim, percebe-se o destaque da abordagem da sexualidade no campo da saúde, o que pode ser explicado pelas preocupações com doenças sexualmente transmissíveis e gravidezes indesejadas.

Figura 1 – Títulos, periódicos e anos das publicações utilizadas como objetos de pesquisa

	TÍTULO	PERÍODICO	ANO
1	“Meu prazer agora é risco”: sentidos sobre sexualidade entre jovens de um grupo sobre saúde	Fractal - Revista de psicologia	2013
2	A interface da promoção de saúde e a educação sexual em uma escola de educação básica: relato de experiência	Revista Ibero-Americana de estudos em educação	2013
3	Conversas de adolescentes sobre drogas e sexualidade: um relato de experiência	Revista Intertox de Toxicologia Risco Ambiental e Sociedade	2015
4	Educação popular trabalhada em oficinas de saúde: a sexualidade durante o adolecer	Revista Educação Popular	2014
5	Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar	SANARE	2015
6	Oficinas com adolescentes sobre saúde sexual no ambiente escolar	Revista Ciências em Extensão	2014
7	Oficinas com Meninas em uma Escola Aberta: Espaço de Diálogo, Reflexão e Reconhecimento da Singularidade	Temas em Psicologia	2015
8	Percepção de adolescentes acerca da atividade de vida “expressar sexualidade”	Cuidado é fundamental	2017
9	Promoção da saúde do adolescente em ambiente escolar	Revista APS	2013
10	Sentidos sobre “sexualidade” e “drogas” entre adolescentes no contexto escolar	Estudos e pesquisa em psicologia	2013
11	Uma discussão de forma lúdica, sobre a sexualidade e métodos preventivos-contraceptivos com adolescentes da rede estadual de ensino	Revista Ibero-Americana de estudos em educação	2014
12	Vivência em grupo: sexualidade, gênero, adolescência e espaço escolar	Revista APS	2013

Fonte: Pesquisadores

Figura 2 – Subtemas, quantidade de alunos, faixa etária, duração das oficinas, formação dos pesquisadores e metodologia aplicada para a realização das oficinas

	Subtemas	Número de alunos	Faixa etária/Série	Duração das oficinas	Formação	Metodologia
1	Sexualidade e saúde	10	15-17 anos	90min	Biologia	Pesquisa-intervenção
2	Educação sexual	-	8º Série	-	Enfermagem	Freiriana
3	Sexualidade e drogas	-	12 a 18 anos	-	Enfermagem Pedagogia	Estratégia lúdica
4	Sexualidade e saúde	30	13 a 17 anos	60min	Enfermagem Psicologia	Técnicas de dinâmica de grupo
5	Sexualidade e saúde	38	14 a 18 anos	120min	Enfermagem	-
6	Sexualidade e saúde	720 em 5 escolas	8º Série e 3ºano EM*	90min	Enfermagem	Técnica de dinâmica de grupo
7	Sexualidade, violência e família	8	12 a 17 anos	90min	Psicologia	Estratégia lúdica
8	Sexualidade e saúde	25	15 a 18 anos	-	Enfermagem	Modelo de vida
9	Sexualidade e saúde	40 dividido em dois grupos	11 a 13 anos	-	Enfermagem	Técnicas de dinâmica de grupo
10	Sexualidade e drogas	11	15-17 anos	90min	Biologia	Pesquisa-intervenção
11	Sexualidade e saúde	36	13 a 15 anos	50min	Educação física	Técnica de dinâmica de grupo e estratégia lúdica
12	Sexualidade e saúde	-	11 a 17 anos	-	Psicologia	Freiriana

Fonte: Pesquisadores; *EM: Ensino Médio

Objetivando compreender o modo como as oficinas de sexualidade são abordadas nas escolas brasileiras, a Figura 2 apresenta os dados de subtemas

abordados, quantidade de alunos abordados e a faixa etária dos mesmos, tempo de duração dos encontros das oficinas, área de formação dos sujeitos que coordenaram e desenvolveram as oficinas e a metodologia utilizada para o desenrolar das atividades.

Em relação aos subtemas, entendeu-se que as oficinas de sexualidade podem apresentar diferentes categorias temáticas a serem focadas. Desse modo, verificou-se sob qual perspectiva a sexualidade vem sendo abordada e com quais temas ela tem sido relacionada. Assim, as oficinas apresentaram 4 diferentes subtemas: Educação sexual; sexualidade e drogas; sexualidade e saúde; sexualidade, violência e família. Dentre estes, destaca-se o subtema sexualidade e saúde, presente em 8 dos 12 artigos.

Tal constatação reitera os achados citados acima que identificaram mais publicações na área da saúde. Percebe-se mais uma vez que a sexualidade tem sido, mais frequentemente, abordada sob uma perspectiva da ordem do biológico e num caráter de prevenção de doenças. De acordo com Bretas, Ohara, Jardim e Muroya (2009) a idade da adolescência é um período considerado vulnerável, pois é quando acontece a evolução da maturação sexual e as mudanças hormonais. Ainda, os jovens apresentam maior liberdade sexual, com uma maior facilidade de conseguir contatos íntimos. Desse modo, há um entendimento na necessidade de se trabalhar com os adolescentes os modos de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e de gravidez.

Sobre a quantidade de alunos envolvidos nas oficinas, foi possível identificar atividades que contaram com 10 até 38 participantes. Verifica-se que o número de sujeitos pode variar conforme o contexto e a demanda das ações, entretanto, como salienta Souza e Pimenta (2013) é preciso ter um equilíbrio quando se pretende desenvolver oficinas para jovens.

De acordo com Schimtz et al (2008) os adolescentes se interessam por atividades em grupo, pois é importante para eles perceber que seus pares compartilham de sentimentos e opiniões. Também é sabido que o pertencimento a um grupo é característica relevante da adolescência. Além disso, entende-se que as oficinas por abordarem grupos tem um potencial que é atingir um maior número de sujeitos e de, sobretudo, estimular as trocas interpessoais, os processos criativos e a aprendizagem por meio de um espaço de transformação e diálogo, como apontou Freire (2011).

Ao se analisar a faixa etária do público-alvo das oficinas, verificou-se que as idades

variaram de 11 a 18 anos, sendo praticamente todas destinadas aos sujeitos adolescentes. De acordo com Souza e Pimenta (2013) é necessário, quando se trabalha com a adolescência, entender que há uma subdivisão entre os pré-adolescentes, que tem idade entre 10 e 14 anos e os adolescentes propriamente ditos, com idade variado entre 15 e 19 anos. Segundo os autores, delimitar tais diferenças são relevantes, pois assim são respeitadas as diferenças e igualdades comportamentais possíveis dessas idades. Desse modo, as atividades desenvolvidas tendem a ser mais assertivas. Os autores ainda pontuaram que muitos profissionais ao trabalharem com oficinas para adolescentes não se atentam a essa divisão, fato que pareceu também acontecer com o presente objeto de estudo.

Em relação ao tempo de duração das oficinas, dentre os artigos que constavam esta informação, pode-se perceber que as atividades duraram de 50 a 120 minutos. Assim como a quantidade de participantes, a duração das oficinas depende de variados fatores que atuam para a execução das atividades. De acordo com Souza e Pimenta (2013) o tempo gasto está em função da disponibilidade do lugar das oficinas e dos participantes e da demanda e características do tema abordado. Ainda é preciso investigar o tempo que os participantes conseguem sustentar a atenção, que é uma característica bio-psico-social e, portanto, convida os pesquisadores a investigar e conhecer os sujeitos que serão alvo das atividades, bem como suas rotinas e o contexto em que estão inseridos. Além disso, a delimitação do tempo é importante, pois evita que o grupo se mobilize emocionalmente de forma excessiva e também fortalece a relação com o coordenador do grupo (AFONSO, 2007).

A formação dos profissionais e/ou estudantes que aplicaram as oficinas foram: biologia, educação física, enfermagem, pedagogia e psicologia. Vale ressaltar que dos 12 trabalhos relatados, 7 foram conduzidos por sujeitos ligados aos estudos em enfermagem. Tal fato ocorre, pois segundo Pereira, Santos e Antunes (2012) o enfermeiro é tido como o principal profissional dedicado a atividades educativas. Logo, verifica-se a importância de parcerias entre as escolas e os profissionais da enfermagem.

Por fim, verificou-se a metodologia utilizada pelos profissionais durante a execução das atividades das oficinas. Assim, foram aplicadas a estratégia lúdica, técnicas de dinâmica de grupo, modelo de vida, método freiriano e pesquisa-intervenção. Os métodos mais utilizados foram as técnicas de dinâmica de grupo (n=4), seguidos de estratégia lúdica (n=3) e método freiriano (n=2). As técnicas de dinâmica de grupo se referem à exercícios que visam proporcionar maior conhecimento, interação grupal e melhor

relacionamento interpessoal, facilitando a troca e o diálogo no grupo (FRITZEN, 2000).

Essas três metodologias têm caráter participativo, estando em consonância com os princípios de Paulo Freire. As perspectivas desse autor é que a aprendizagem está em constante processo e o diálogo é uma ferramenta fundamental. Além disso, afirma que a relação entre educador e educando deve ser horizontal, primando pelos conhecimentos prévios e facilitando a participação de todos os sujeitos envolvidos (FREIRE, 2011). Desse modo, verifica-se a relevância das práticas das oficinas no que se refere à educação e ao trabalho com adolescentes.

Conclusão

Esse trabalho teve o objetivo de compreender o modo com as oficinas que abordam o tema sexualidade estão sendo trabalhadas nas escolas brasileiras. Objetivou-se também entender como a publicação desses trabalhos aconteceram nos últimos cinco anos.

Como resultados, foram identificados que as publicações ocorreram na maioria das vezes no ano de 2013 e em periódicos na área da saúde. Além disso, verificou-se que os temas que foram abordados juntamente com a sexualidade foram ligados à saúde e a maioria dos profissionais que executaram as atividades tinham formação em enfermagem.

Percebeu-se, portanto, que a abordagem da sexualidade como ênfase nas questões biológicas e de saúde são dominantes no cenário brasileiro. Sabe-se da importância desta abordagem, haja visto que as doenças sexualmente transmissíveis e as gravidezes na adolescência (principais temas abordados) são questões preocupantes na atualidade, sendo considerados problemas de saúde pública. Entretanto, há também as características sociais e culturais, que são fatores que agem diretamente no comportamento dos jovens. Desse modo, entende-se que seja relevante o desenvolvimento de oficinas que abordem a temática da sexualidade sob uma perspectiva sociocultural, psicossocial, etc.

Vale ressaltar ainda que os resultados dizem de um período determinado (últimos 5 anos) e de publicações presentes em apenas dois bancos de dados (SciELO e Periódicos Capes). Desse modo, é recomendável que se refaça tal pesquisa com o intuito de ampliar o espaço da pesquisa, para que assim, se possa ter mais informações acerca da referida temática.

Referências

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. Adolescência normal: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 1981.
- AFONSO, M. L. M. **Oficinas em dinâmica de grupo: Um método de intervenção psicossocial**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- ARIÈS, P. (2006). **História social da família e da criança** (2ª ed.). Rio de Janeiro: LTC.
- BRETAS, J. R. S.; OHARA, C. V. S.; JARDIM, D. P.; MUROYA, R. L. Conhecimento sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes. **Revista Esc. Enfermagem**, v. 43, n. 3, p. 551-557, 2009.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- FRITZEN, S. J. **Exercícios práticos de dinâmica de grupo**. v. 2. Vozes, 2000.
- LOURO, G. L. (Org.). (2010). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade** (3ªed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- MATTOS, A. R.; BERTOL, C. Oficinas de sexualidade nas escolas: saberes, corpo e diversidade. In: Martins et al (Org.). **Intersecções em Psicologia Social: raça/etnia, gênero, sexualidades**. Florianópolis: Editora ABRAPSO: Edições do Bosque. 2015.
- PEREIRA, A. S.; SANTOS C. A. M.; ANTUNES, D. E. V. Ações pedagógicas realizadas pelo enfermeiro do programa saúde da família. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, v. 2, n. 2, p. 211-219, 2012.
- QUEIROZ, I. N. B, SANTOS, M. C. F. C.; MACHADO, M. F. A. S.; LOPES, M. S. V.; COSTA, C. C. C. Planejamento familiar na adolescência na percepção de enfermeiras da estratégia da saúde da família. **Revista RENE**, v. 11, n. 3, 2010.
- SCHIMTZ, B. A. S. et al. A escola promovendo hábitos alimentares saudáveis: uma proposta metodológica de capacitação para educadores e donos de cantina escolar. **Cadernos de saúde pública**, v. 24, n. 2, p. 312-322, 2008.
- SOARES, S. M.; AMARAL, M. A.; SILVA, L. B.; SILVA, P. A. B. Oficinas sobre sexualidade na adolescência: revelando vozes, desvelando olhares de estudantes do ensino médio. **Esc. Anna Nery**, v.12, n.3, 2008.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

SOUZA, T. T.; PIMENTA, A. M. Características das ações de educação em saúde para adolescentes. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, v. 3, n. 1, p. 587-596, 2013.